

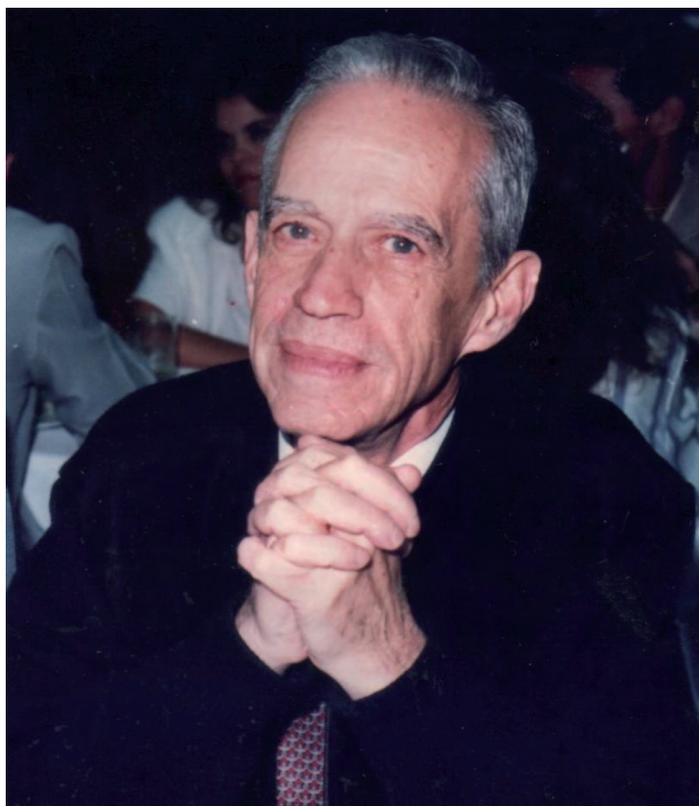
cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Novembro 2012 – Nº 241

Cornélio Pedroso Rosenberg

William Moffitt Harris

Conheci o Professor Dr. Cornélio Pedroso Rosenberg durante meu Curso de Especialização em Saúde Pública, realizado na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), no decorrer de 1969 —, portanto, há quarenta e três anos. Estive com ele pela última vez em dezembro de 2009 e lamentei muito ao tê-lo encontrado acamado havia um ano, gravemente enfermo, às vésperas do seu 89º aniversário em 1º de janeiro. Reagiu bem ao diálogo travado de quase cinquenta minutos, rindo às lembranças de



episódios que vivemos juntos ao longo de trinta e poucos anos na Faculdade e no serviço público municipal de São Paulo. Foi bastante enfático ao afirmar que jamais esteve no Ceará e negou que tenha ido ao I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, promovido em Fortaleza, muito embora seu nome constasse entre os congressistas que acompanharam o Prof. Celestino Bourroul, da disciplina de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP, em 1947. Dois ou três meses após minha visita, entrou em períodos de coma alternados com voltas ao domicílio, onde recebia cuidados de enfermagem de

forma contínua. Acabou falecendo em outubro de 2010.

Esta biografia se baseia, em parte, no texto encomendado a mim pelo médico e professor titular Dr. Marcelo Gurgel Carlos da Silva, de Fortaleza, porque constava o nome do meu caro mestre Rosenberg entre os congressistas daquele evento levado a efeito de 1 a 7 de julho de 1947. O livro coordenado pelo Prof. Marcelo, intitulado *I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos — Textos e Contextos*, é um fac-símile do

original editado pela Indústria Gráfica Siqueira de São Paulo em 1947. Nessa obra, são também incluídos análises e comentários de vários contemporâneos, muitos dos quais ainda vivos.

Na época, o Prof. Cornélio, com dois anos de formado, já trabalhava no Sanatório Esperança (mais tarde renomeado Hospital Menino Jesus, futuramente dirigido por ele por sete anos na qualidade de Superintendente).

É provável que tenha aderido, nominalmente, dando seu apoio ao grupo do Prof. Celestino Bourroul, que organizou

uma caravana de médicos e estudantes de medicina, de São Paulo para Fortaleza.

Além disso, para a redação desta biografia, fiz uso de dados e informações do panegírico publicado por mim na *Revista Brasileira de Saúde Escolar* em 1994 e no seu *Memorial*, apresentado à Faculdade de Saúde Pública para o Concurso de Livre-docência junto ao Departamento Materno-infantil. Ao me apresentar com um exemplar, o Prof. Rosenberg escreveu: “Ao prezado amigo William ofereço a prova da eficiência do seu trabalho quando conduziu a montagem deste Memorial”.

Foi sempre um homem correto e muito humano no trato. Pelo exemplo, pela honestidade e pela bondade, exercia, na prática, o que qualquer cristão almejaria para cuidar de sua alma e do interesse público. Condoía-se com a má sorte da população periférica oprimida e, de forma científica, propunha às autoridades as justas medidas para atender a demanda reprimida. Acompanhei-o como seu subordinado direto em suas gestões quando Diretor de Departamentos das Secretarias da Saúde e da Educação do governo municipal de São Paulo.

Seu espírito prático, seu dinamismo, sua personalidade profundamente magnetizadora e seu carisma ímpar estimulavam as pessoas que o cercavam e que, na verdadeira acepção da palavra, muito o admiravam e o amavam. Aprendi quase tudo o que sei em termos de saúde pública e cultura geral com este mestre. Foi meu orientador no mestrado e no doutorado. Pela grande influência que teve em minha vida pessoal, considerarei sempre este homem como meu segundo pai.

Aliando probidade, competência e bom senso, mostrou-se sempre extremamente sábio e justo no exercício da função pública, granjeando inúmeros admiradores e amigos entre seus colaboradores, colegas e subordinados. Homem muito humano, sempre poupou as pessoas de qualquer humilhação quando surpreendidas em irregularidades técnicas ou administrativas. Dando sempre novas oportunidades, foi sempre avesso a punições severas, buscando, por meio de palavras amáveis, mas sérias, penetrar no âmago dos faltosos.

Era meio eclético em termos de religião. Acreditava em um Deus de bondade e grande sabedoria, mas não se dedicava a qualquer culto especificamente. Filosofava e lia os grandes filósofos, gregos e cristãos. Auxiliou muita gente, até financeiramente, durante sua vida nas chefias. Acho até que muitos abusavam um pouco de sua bondade.

Foi agraciado, em 17 de outubro de 1978, pelo Grande Oriente de São Paulo, com o Diploma de Honra ao Mérito como “reconhecimento a quem vem prestando desinteressadamente sua assistência aos que dela necessitam”.

Este reconhecimento é também o de seus amigos, subordinados e discípulos que lhe são infinitamente gratos e que jamais o esquecerão.

A Fração HDL-Colesterol e a Síndrome do Olho de Peixe

Jenner Cruz

Hoje, vou contar uma história complicada, porém muito interessante.

Em 1948, preocupado com a crescente causa de morte por doenças cardiovasculares nos Estados Unidos, o National Heart Institute embarcou em um projeto muito ambicioso: identificar os fatores que contribuíam para a promoção dessas enfermidades. Assim, foi criado o *Framingham Heart Study*. A Universidade de Harvard, localizada em Boston, no Estado de Massachusetts, EUA, coordenaria o estudo.

Os pesquisadores recrutaram 5.209 habitantes dos dois sexos, com idades entre 30 a 62 anos, de uma vila próxima de Boston, denominada Framingham. Eles fariam inicialmente um extenso procedimento de exames físicos e laboratoriais, além de entrevistas detalhadas sobre seu estilo de vida, as quais seriam analisadas e relacionadas com o desenvolvimento de doença cardiovascular. O diretor dessa primeira parte do estudo, a partir de 1950, foi o Dr. Thomas Royle Dawber. Em 1971, aos 5.124 participantes originais foram acrescentados suas respectivas esposas e filhos, momento em que o estudo já estava sob a coordenação do Dr. William B. Kannel, o segundo diretor que assumira em 1966. Não vou continuar a descrever a evolução desse grande estudo que muito contribui para a compreensão e o tratamento das doenças cardiovasculares, mas vou relatar que, no ano 2000, Framingham tinha 66.910 habitantes, tornando-se uma das maiores comunidades brasileiras dos Estados Unidos. Atualmente, é conhecida como *little Brazil*, com igreja e lojas cujos letreiros estão escritos em português e a famosa *Brazilian pizza*.

O terceiro diretor foi o Dr. William Castelli, nomeado em 1979. Ele defendia a ideia de que a fração HDL-colesterol, o denominado colesterol bom, protegeria os pacientes da fração LDL-colesterol, o colesterol ruim, e considerava que, para isso acontecer, a razão LDL-colesterol/HDL-colesterol deveria ser inferior a 3,4. Esse pensamento teve pouca repercussão por não ter sido plenamente comprovado.

Quando vou avaliar um resultado de exame de colesterol total e frações, costumo fazer sua divisão e, sempre que ela

for inferior a 3, número que criei, acho que deve haver um equilíbrio adequado entre esses lipídios. Para quem já esqueceu, o colesterol total é a soma de três frações: HDL, LDL e VLDL, sendo que a última seria, para fins práticos, igual ao valor dos triglicérides divididos por 5, desde que esse valor seja inferior a 400 mg/dL.

Em 1988, o pesquisador G. M. Reaven descobriu a síndrome de resistência à insulina. Para ele, a resistência à insulina provocaria hiperinsulinemia, seguida de intolerância à glicose (quando a liberação de insulina seria insuficiente para metabolizar toda a quantidade de glicose ingerida ou produzida), elevação dos triglicérides plasmáticos, redução da fração HDL-colesterol e hipertensão arterial.

Essa descoberta revitalizou o conceito de síndrome metabólica, que provocaria morte prematura em seus portadores. Ela foi definida de diferentes formas, todas realçando a fração HDL baixa, os triglicérides altos, a hipertensão arterial e a resistência à insulina, acrescentando a obesidade que Reaven omitira porque encontrara resistência à insulina em vários indivíduos magros. Porém, vários portadores dessa síndrome, segundo essas definições, podem chegar até os oitenta anos de idade lúcidos e saudáveis. Por quê?

Vamos avaliar item a item, começando pela obesidade. Estamos de acordo que os portadores de obesidade mórbida dificilmente chegam à idade avançada, pois aquela seria uma causa independente de outros fatores para morte prematura. Mas qual é o limite entre a obesidade prejudicial à saúde e outra que não tenha esse caráter? Esse limite ainda não está cientificamente definido e provavelmente é variável de um indivíduo para outro.

Passemos para a hipertensão. Quando comecei a tratar pacientes, não havia hipotensores eficazes como hoje. Observei que, naquela época, os pacientes que chegavam a 90 ou 100 anos de idade eram portadores de hipotensão essencial, tinham, até essa idade, pressão arterial de 90/60 mmHg sem qualquer sintoma de tontura e comiam comida salgada, feita com banha de porco, ingerindo diariamente torresmo e cos-

corão que sobravam da fritura da banha. A partir do momento em que começaram a surgir hipotensores eficazes, passei a ter como objetivo baixar a pressão arterial dos meus pacientes sempre até 120/80 mmHg, transformando-os em hipotensos essenciais.

Na década de 1950, existiam alguns trabalhos que determinavam que pressão arterial normal estaria entre 90/60 e 120/80 mmHg e outros que julgavam hipertensão arterial quando os níveis eram superiores a 160/100 ou 170/110 mmHg. Nessa época, em uma forma empírica, determinaram que hipertensão arterial seria aquela superior a 140/90 mmHg. Passaram muitos anos e, apenas no 7º Report of the Joint National Committee on Prevention, Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Pressure, em 2003, 74 especialistas em tratar hipertensos conseguiram definir que pressão arterial normal seria aquela inferior a 120/80 mmHg. Afirmaram inclusive que o risco para o desenvolvimento de doença cardiovascular iniciaria em níveis de 115/75 mmHg. Porém, até hoje, muitos médicos, e mesmo sociedades médicas, no Brasil e no exterior, teimam em não aceitar esse fato. Estou sabendo que o KDIGO (*Kidney Diseases Improving Global Outcomes*) sobre diretrizes a serem seguidas sobre hipertensão arterial, a ser publicado em dezembro deste ano, considerará pressão arterial normal aquela inferior à 130/80 mmHg.

Vamos avaliar os lipídios. As definições de síndrome metabólica e de alto risco para doenças cardíacas determinam que a fração HDL-colesterol deve ser superior a 40 mg/dL para o sexo masculino e 45 mg/dL para o sexo feminino e os triglicérides menores ou iguais a 150 mg/dL para os dois sexos. Porém, pesquisando-se os valores normais desses lipídios, encontramos a recomendação de que a fração HDL-colesterol fique acima de 29 mg/dL no sexo masculino e acima de 35 mg/dL no sexo feminino e os triglicérides abaixo de 250 mg/dL.

Concluimos que os níveis propostos nas definições de síndrome metabólica são indicados para diabéticos ou portadores de síndrome de resistência à insulina, mas nunca para o resto da população. Para estes, valem os valores normais citados anteriormente e a manutenção da relação LDL/HDL igual ou inferior a 3. Por esse motivo, encontramos número crescentes de indivíduos, gordinhos, atingindo os 90 anos de idade com boa saúde.

O que acontece quando a fração HDL-colesterol plasmática é inferior a 29 mg/dL?

Existe uma síndrome, decorrente de um defeito genético da enzima lecitina-colesterol-aciltransferase (LCAT), responsável pela síntese dos ésteres de colesterol. Nos portadores

dessa síndrome, há uma perda quase total da lecitina plasmática, grande deficiência da fração HDL-colesterol plasmática, espessamento e opacidade da córnea e doença precoce da artéria coronária.

A pupila desses pacientes é esbranquiçada, razão pela qual a enfermidade tem o nome de olho de peixe. Um dos seus enigmas é que, apesar da existência de fração HDL plasmática inferior a 29 mg/dL e coronariopatia, não há tendência a um aumento da aterosclerose nesses indivíduos, desencorajando os pesquisadores que pensavam em usar a enzima lecitina-colesterol-aciltransferase como medicamento profilático ou curativo da aterosclerose disseminada.

As causas de morte cardiovascular prematura ainda carecem de maior explicação. A atividade física melhora a qualidade de vida de quem a pratica, mas pouco influencia sua sobrevivência. A meu ver, duas condições são capitais: a hereditariedade, que pode prevenir ou acelerar a morte precoce, e a angústia e a preocupação que tiram o sono, as quais, quando acompanhadas de dor precordial, muitas vezes provocam morte súbita.

Recentemente, a imprensa mostrou duas fotos do Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, uma na época em que ele assumiu a presidência, há quatro anos, e outra atual, como candidato à reeleição — ele envelheceu bastante nesses anos. Acredito que isso ocorreu não em virtude de suas grandes atribuições, mas, sim, por várias decisões que foi obrigado a tomar, contra os seus princípios e sua consciência, que devem ter provocado muita insônia e preocupação.

Da advertência à implicância*

Célio Debes

A Cory Gomes de Amorim (i. m.)

As escolas, entre nós, vêm sofrendo intervenções, por parte dos poderes públicos, nem sempre oportunas, e não raro em desarmonia, e mesmo conflitantes com as normas remanescentes.

Foi o que se deu na longínqua segunda década do século passado, no tocante à Academia do Largo São Francisco. Regida pelo Código de Ensino de 1902, foi atingida pela chamada Reforma Rivadávia, de aplicação simultânea. Ambos, em 1913, disciplinavam a ordem das matérias, em cada série. Parte dos alunos se orientava por aquele, enquanto outra passou a fazê-lo pela reforma.

Pelos novos preceitos, uma das disciplinas atingidas foi Economia Política. Lecionada no 4º ano, foi deslocada para o 2º. Com isso, o titular da Cadeira passou a enfrentar dois períodos de aulas, com sobrecarga de trabalho. Era ele José Luís de Almeida Nogueira, homem de idade e com a saúde comalida, para o qual o acréscimo de tarefa tornava os encargos penosos. Além disso, o Código havia, há tempos, abolido as férias de meio do ano. Para contornar a restrição, os acadêmicos, com a anuência da Congregação, decretaram greve no mês de junho. A Reforma restabelecera as férias, só que as fixou para agosto. Dessa forma, Almeida Nogueira estaria privado de gozar o período de repouso. De vez que, sempre, uma das turmas estaria em aula.

Condoídos da situação do mestre, os estudantes das duas séries se reuniram, combinando a suspensão das aulas das duas turmas, no mês de junho. Do decidido, uma comissão composta de um representante de cada classe se encarregou de informar o beneficiário. Dos segundanistas, o porta-voz foi Cory Gomes de Amorim.

Na mesma ocasião, o Professor José Mendes prelecionava, no 2º ano, a disciplina de Direito Internacional Público e Privado. Homem temperamental, irascível e intolerante, desaprovava a *parede* decretada pelos estudantes.

Reagiu à atitude dos alunos, comparecendo às aulas e, na sala vazia, procedia à chamada, marcando a ausência dos moços e considerando a matéria dada. Demorou-se nessa faina por dois ou três dias. Sentindo a indiferença dos alunos, abandonou o intento, retirando-se para sua propriedade agrícola, no interior.

Cientes desse afastamento, os estudantes atingidos passaram a frequentar a Escola e, acompanhados pelo bedel, assinalavam suas presenças e a falta do professor.

O estratagema, ousado, encolerizou o lente, quando de seu regresso, principalmente ao perceber que fora colhido nas malhas de seu próprio ardil... E, porejando mau humor, convocou, em aula, perante toda a classe, o delegado dos segundanistas e sentenciou. *Estava intimado a não comparecer ao exame final, sob pena de reprovação.*

O procedimento do professor não era isolado, nem inspiado por algo que molestara seus brios. Ameaçara, com igual sanção, outro acadêmico, Mariano Matoso, por ter ele respondido, logo no início do ano, à chamada em um timbre de voz que o desagradara!...

Esse tipo de recurso intimidativo sempre foi comum, mas sem consequências danosas. Não passava de mera ameaça inconsequente, apenas para colocar ordem entre os folgazões.

Corria, em meu tempo de Faculdade, décadas depois, a admoestação feita por um Catedrático a um aluno, que perturbava a aula, em conversa com um colega. Aduziu, dirigindo-se ao palrador. *Há pessoas naturalmente simpáticas e há pessoas naturalmente antipáticas. O senhor se enquadra entre estas. Por favor, não me dê mais um motivo para reprová-lo no oral!* Ao que consta, o visado passou incólume pela prova derradeira. A advertência não acarretou outro gravame.

São Paulo, contemporaneamente, era bafejada por obras públicas, as quais contribuía para a modernização da Cidade. O Viaduto Santa Ifigênia foi inaugurado então.

Melhoramento importante, iria, segundo a imprensa, “evitar, o mais possível, a aglomeração dos bondes nos Quatro Cantos, ruas Direita, São Bento, 15 de Novembro e Praça Antonio Prado”. (A cidade, há um século, já padecia com o congestionamento!...)

* A versão primitiva deste trabalho, sob o título *A Primeira Crônica Policial do Viaduto de Santa Efigênia*, foi publicada na *Tribuna da Justiça*, de 25 a 31 de maio de 1962. Esta versão, com o título alterado, é de 13 de setembro de 2012.



Disponível em: <<http://fiquessopaula.blogspot.com.br/2012/02/bairro-bairro-centro-antigo-e-novo.html/>>.

Praça do Patriarca

Quatro Cantos era a denominação dada ao cruzamento, em ângulo reto, da Direita com a São Bento, hoje integrando a Praça do Patriarca.

A inovação, dado seu significado, mobilizou os jornais. Coube a Mariano Matoso, redator do *Correio Paulistano*, a cobertura do evento. Incluiu, em seu relato, dados técnicos sobre a obra, assinalando que “a maior altura do viaduto é a que dá para a Rua Anhangabaú, e tem apenas 12 metros”.

O tempo, no entanto, corria, e os exames finais da Faculdade de Direito estavam marcados. E aos estigmatizados por José Mendes, chegou a hora de enfrentá-lo.

Cory, *simplificado*, foi, no entanto, aprovado, ainda que com a nota mínima, em Direito Internacional. Safou-se, dessa forma, da perda do ano.

Matoso enfrentara airosamente, obtendo notas distintas — conforme informavam os jornais —, as provas de Direito Público e Constitucional, Enciclopédia Jurídica, Economia Política, Ciência das Finanças e Direito Administrativo. Na Cadeira de José Mendes, recebeu o fatídico R, acarretando-lhe a irremediável reprovação.

Abatido, conta o *Correio Paulistano*, na notícia a seu respeito, que “profundamente magoado com o insucesso do exame,

Matoso retirou-se, antes mesmo de conhecer a nota que tanto o desgostara, declarando a um de seus colegas ter a certeza de que seria reprovado”.

Conjeturava o jornalista, e com razão, que seu desvario fora causado pelo desastre na prova de Direito Internacional, pois “não deixou nenhuma declaração escrita e nem outros motivos se conhecem que poderiam fazer-lhe nascer a ideia da morte”.

E detalha.

“Às oito e meia da noite, pouco mais ou menos, Francisco de Paula [...], passando despreocupado pelo Viaduto Santa Ifigênia, viu um vulto precipitar-se das grades, indo cair de cheio sobre os paralelepípedos da Rua Anhangabaú”.

A implicância do professor suplantara os limites da mera e inofensiva advertência, provocando, na visão dos jornais, o “trágico fim de uma existência de 20 anos”...

Célio Debes

*Membro da Academia Paulista de História
e da Academia Paulista de Letras*

O processo de criação

Nelson Guimarães Proença

Recentemente, participei de uma reunião da Academia de Letras de Campos do Jordão, durante a qual foram recebidos dois poetas contemporâneos, Donizete Galvão e Ruy Proença. Este, por sinal, meu filho.

A Presidente da Academia, Professora Maria José Ávila, solicitou-me que apresentasse e saudasse os convidados, em nome da Instituição. Para cumprir a tarefa, levei em conta os temas que seriam por eles abordados. Donizete escolheu “O Processo Poético” e Ruy, “Antevisão e Retrovisor”. Ambos, portanto, abordando de modo diferente o quanto há de dinamismo na poesia. Olhando para trás — “o que era”. E para a frente — “o que vai ser”.

Após ter feito a adequada apresentação, recordei e comparei com os presentes, de viva voz, um momento que marcou muito meu modo de ver as coisas que acontecem ao nosso redor.

O episódio que vou narrar ocorreu em 1985. Na ocasião, eu presidia a Associação Médica Brasileira e havia sido convidado para participar da Sessão Solene de Inauguração de um Congresso, realizado em São Paulo, pela Associação dos Médicos da Indústria Farmacêutica. O conferencista principal era uma notável figura da Medicina Brasileira, o Professor Mário Rigatto, de Porto Alegre. Além de médico, ele era também um homem de letras. Escolhera como tema, para sua apresentação, exatamente “O Processo de Criação”. Na referida sessão da Academia de Letras de Campos do Jordão, procurei reproduzir suas ideias, não talvez como ele as tenha transmitido, mas, sim, como as gravei em minha memória.

Vejam.

A criação, em qualquer campo do conhecimento humano, pode nascer de dois modos diferentes. Vamos imaginar a existência de dois planos perpendiculares entre si: um vertical, o outro horizontal.

Um dos modos de criar é “vertical”. Aqui, procura-se respeitar uma linha já consagrada. As gerações se sucedem, buscando a melhoria progressiva daquilo que o senso comum já aceitou. A criação, neste caso, consiste mais em aperfeiçoar o que já existe do que propriamente em criar algo novo. É válido que assim se proceda. Contudo, com o tempo, as gerações que se sucedem serão sempre fiéis, e retornando às origens. Verticalidade.

A outra maneira de criar é o empenho em buscar o novo, a partir de uma perspectiva “horizontal”. Nesse caso, a pessoa se afasta da verticalidade, coloca-se de lado e passa a ter uma visão crítica do todo já aceito como definitivo. Do todo que é “vertical”, busca-se agora novas formas de abordar o objeto de seu estudo e também da sua prática. Traz, para o mundo e

para a humanidade, um modo novo de conhecer as coisas e, portanto, uma nova prática. Horizontalidade.

Na essência, foram estas as ideias transmitidas por Mário Rigatto. Gostei e as incorporei ao meu modo de ver as coisas do mundo. Ajudaram-me a desenvolver uma visão mais crítica sobre o que acontece. Pois, como diz a sabedoria chinesa, “no mundo existe a minha verdade, existe a sua verdade e existe A Verdade”.

É claro que a visão crítica do todo, e, por consequência, o surgimento de uma nova proposta que transmita outra visão sobre o mundo e sobre a sociedade, representa uma ruptura com o convencional. Provoca reações, por vezes extremadas, de inconformismo e de incompreensão, por parte dos contemporâneos. Que o digam Galileu, Charles Darwin, Albert Einstein.

Na cultura e na arte, a coexistência do antigo e do novo, do “vertical” e do “horizontal”, faz parte da história da humanidade. Através do tempo, as rupturas se sucedem, em todos os campos do conhecimento. Sempre surgem novas propostas, culturais ou científicas. As pertinentes, realmente inovadoras, são incorporadas pela sociedade. Introduzem um modo novo nas relações interpessoais e entre as pessoas e o mundo que as envolve. São propostas que duram, até que nova ruptura ocorra e algo as suceda.

No Brasil, o grande momento da ruptura com a “verticalidade”, nos campos da cultura e das artes, foi a Semana de Arte Moderna, de 1922. Um marco em nossa trajetória cultural. Um momento “horizontal” da cultura e da arte, um momento de ruptura. Em relação a mim, posso dizer que recebi forte influência, nos anos 1940, por parte de escritores e poetas, pintores e arquitetos, que trouxeram para minha formação os conceitos de modernidade originados naquela Semana.

O que era “o novo”, em 1922, não vence a barreira do tempo. Por sua vez, a “modernidade de 1922” passa a ser uma expressão “vertical” da cultura. Mais cedo ou mais tarde, um novo salto ocorre. Cedo ou tarde, vem a substituição por novas formas de criação. Assim é a humanidade. Assim continuará a ser, através dos tempos.

Verticalidade e horizontalidade. Uma boa abordagem e um bom tema para discussões intelectuais.

Nelson Guimarães Proença

Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, membro da Academia de Medicina de São Paulo e da Academia de Letras de Campos do Jordão

Caderno de anotações

Jejum

Muitos religiosos católicos da Idade Média, sobretudo mulheres, não levavam o rigor penitencial às últimas consequências apenas na Quaresma. No ano inteiro, jejuavam “sem limites e se abstinham de carne, alimento que consideravam favorecedor do apetite sexual. O objetivo era alcançar o dever cristão da perfeição espiritual. Magérrimos, acometidos de inanição, alguns conquistaram fama de santos vivos. Uma *mulher* com silhueta escultural podia ser suspeita de concupiscência. Quando perdia as formas, pelo jejum, era associada ao engrandecimento do espírito. Muitas se alimentavam *apenas de hóstia*”.

Sedução

Mesmo nos processos de sedução e defloração se vê que os amantes *não tiravam a roupa durante o ato sexual*. Um exemplo disso, no Rio de Janeiro, no início do século XIX: “ele presenciara e vira a ofendida e o Réu a estarem no mato juntos e unidos, um por cima do outro, a fazerem movimento com o corpo. *Nem uma palavra sobre se despir*. As práticas amorosas, contudo, eram rigidamente controladas. Toda a atividade sexual extraconjugal e com outro fim que não a procriação era condenada”. Manobras contraceptivas ou abortivas *não* eram admitidas.

“Controlado o prazer, o sexo no casamento virava débito conjugal e obrigação recíproca entre os cônjuges. Negá-lo era pecado, a não ser que a solicitação fosse nos dias já proibidos (durante a menstruação, por exemplo) ou se a mulher estivesse muito doente.” Dor de cabeça não valia.

Lua de mel

Naquela época, a lua de mel era um período de “constrangimento” tanto para os noivos como para os parentes. “Os nubentes iriam praticar sexo, talvez com prazer, e por isso todos se sentiam envergonhados.” Daí os mandava viajar. Como se vê, a tão acalentada lua de mel dos dias de hoje não teve um início tão feliz (atualmente, nem se espera o dia do casamento para os noivos dela usufruírem).

Gravidez

“Um episódio da vida da mulher do Rei Felipe, o Ousado, que o seguiu na última cruzada de São Luís, em Cartago, confirma o desinteresse do homem pela *mulher grávida*. Quando seu marido volta para a França, ela, grávida, acompanha-o em seu retorno, feito por terra. E, na Calábria, quando atravessa a cavalo uma avolumada pelas chuvas, ela cai e morre, assim como a criança que carrega. Portanto, não há um cuidado particular com a mulher grávida da classe alta. Como também não há com as camponesas, que continuam a trabalhar muito durante a gravidez.”

José Carlos Barbuio
Advogado e escritor

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematoteca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.